

## **O PENSAMENTO DE ERIC KANDEL EM PUBLICAÇÕES PSICANALÍTICAS NO PERÍODO ENTRE 2001 E 2012**

Graziele Luiza Barizon Scopel Gerbasi  
Paulo José da Costa

### **Introdução**

Considerando-se a proposta de Eric Kandel de interlocução entre a neurociência e a psicanálise, bem como o grande número de publicações que tratam desse tema no Brasil, a proposta desta pesquisa foi investigar a influência do pensamento de Eric Kandel nessas publicações desde 2001.

E. Kandel, pesquisador da área de neurociências que ganhou o prêmio Nobel de Medicina ou Fisiologia em 2000, relata que seu percurso científico começou a partir de seu interesse pela psicanálise (Kandel, 2009) e faz um convite ao diálogo entre essa área de conhecimento e a neurociência, considerando-a ainda a visão mais coerente e satisfatória da mente humana (Kandel, 1999). Contudo, tece críticas ao fato de que a psicanálise teria negligenciado o rigor científico requerido pelo paradigma vigente (Kandel, 1998, 1999). Propõe que os psicanalistas e neurocientistas contribuam mutuamente, formulando questões e possíveis respostas a partir dessa interlocução, promovendo, assim, o desenvolvimento do conhecimento acerca do cérebro/mente (Kandel, 1999, 2001).

Evidentemente, a psicanálise e as neurociências têm concepções de homem, fundamentos epistemológicos, métodos de investigação e mesmo objetos de estudo distintos. Portanto, essa noção de uma possível interface entre elas gerou diversas manifestações de estudiosos de referencial psicanalítico nos últimos anos.

Diante do exposto, passemos aos nossos objetivos.

### **Objetivo geral**

- Investigar como o pensamento de Eric Kandel é discutido em publicações psicanalíticas, no período entre 2001 e 2012.

### **Objetivos específicos**

- Identificar qual o tema dessas publicações e qual o enfoque dado à obra de Kandel;

- Apresentar possibilidades de desenvolvimento de pesquisas sob essa perspectiva.

### **Método**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, teórica, tendo como procedimento um levantamento bibliográfico por meio eletrônico (internet). Os critérios de delimitação foram: publicações que apresentassem os termos psicanálise, Kandel e memória, no período entre 2001 a 2012, escritos em português. O termo memória foi utilizado como forma de delineamento da busca por se tratar do tema central das pesquisas de Kandel e ser de interesse para a psicanálise. Tendo em vista as centenas de resultados obtidos em sites de busca num primeiro momento, foi realizada uma seleção prévia de acordo com os objetivos deste trabalho, que resultou na seleção de 44 publicações. Após a leitura para a identificação de seu tema central e da citação da obra de E. Kandel, estas foram analisadas a fim de se investigar um possível padrão, que permitisse o tratamento dos dados obtidos, de maneira a categorizá-los conforme o tipo de referência feita por seus autores ao pensamento deste neurocientista.

### **Resultados**

Na apresentação dos resultados obtidos, é de especial interesse o artigo de Davidovich e Winograd (2010) acerca das discussões envolvendo a psicanálise e a neurociência. As autoras classificam três grupos do campo psicanalítico quanto a esse tema, de acordo com seus pressupostos: hibridização, isolamento e interlocução. Aponta Kandel como pesquisador da área das neurociências favorável à hibridização, defendendo a aproximação teórica e metodológica da psicanálise com a biologia, a fim de que a primeira obtenha *status* científico. Tal classificação figura aqui de forma ilustrativa, como uma possibilidade de tratamento dos dados obtidos. Contudo, como será visto a seguir, não foi esta a adotada nesta breve revisão da literatura sobre o tema. As publicações foram divididas entre as que são críticas e as que são favoráveis à interlocução entre psicanálise e neurociência e, num terceiro grupo, as que fizeram uso de elementos neurocientíficos articulados a concepções psicanalíticas.

A princípio, é conveniente apresentar aqueles autores que se posicionam criticamente diante do diálogo entre psicanálise e neurociência, em virtude da polêmica gerada por tal proposta, para, na sequência, serem expostas as ideias de outros que lhe são favoráveis e, ainda, daqueles que utilizam fundamentos neurocientíficos em suas discussões.

### **1 Críticos à interlocução entre psicanálise e neurociência**

Cardoni (2003) critica de forma veemente as ideias de Kandel presentes em seu artigo publicado no mesmo periódico naquele ano, em que este demonstra sua posição contrária à falta de rigor científico (de verificabilidade e reprodutibilidade) das práticas psicanalíticas, dizendo que são desnecessárias.

Bassols (2009) é enfático ao afirmar a total impossibilidade de diálogo entre tais áreas, argumentando que tratam de reais diferentes, contrapondo o que seria o real impossível, próprio da psicanálise, abordado por meio do conceito freudiano de inconsciente e do objeto *a* lacaniano e o real objetivável das neurociências. Refere que Kandel, junto com outros neurocientistas e cognitivistas, acreditam que “... existe escritura para se ler nos neurônios”, criticando o que seria, na opinião dele, “... um princípio mecânico determinista do sujeito” (p. 25).

Arreguy (2010) critica as tentativas atuais de correlacionar supostas evidências neurobiológicas com a tendência ao comportamento violento, com fins de prevenção. Alerta que questões linguísticas, sociais e históricas não podem ser reduzidas a explicações neurocientíficas. Também critica o que denomina como o projeto de Kandel “... de transformação das sociedades psicanalíticas em laboratórios neuroexperimentais” (p. 1282), considerando o risco de um pensamento único que poderia esfacelar as diferenças de cada saber.

Por sua vez, Cândido (2010), considerando que o psiquismo se desenvolve a partir do que é corporal e intercorpóreo, apresenta os conceitos de interstício e de irrepresentável, articulando teoricamente as experiências sensoriais com a pulsão e o desejo, de maneira a postular a necessidade de se considerar o espaço de interação, lugar da pulsionalidade e do vínculo, no estudo da mente. Com relação a Kandel, declara-se insatisfeita diante de seu princípio de que os fenômenos mentais são resultado de processos biológicos, por considerar que esta é uma visão reducionista.

Faveret (2006) que também esboça críticas à articulação entre psicanálise e neurociência, argumentando que o trabalho analítico acontece num espaço de linguagem e lida com a fantasia, e não com registros perceptuais arquivados na memória. Em seu artigo, cita Kandel apenas como membro do corpo editorial da revista *Neuropsychoanalysis*, publicação da Sociedade Internacional de Neuropsicanálise.

Ehrenberg (2009) tece considerações críticas à proposta de fusão da psiquiatria com as neurociências, contemplando as perspectivas teórica, prática e social. Menciona o trabalho de Kandel somente quando este diz que os biólogos acreditam que o espírito será para este século o que o gene foi para o século 20.

Em sua tese, Cauduro (2008) desenvolve o tema do desenvolvimento humano, a partir das implicações das experiências vinculares precoces entre o bebê e seu cuidador primário, articulando concepções de Winnicott e da neurociência do desenvolvimento. Faz uma crítica à sugestão de Kandel de interface entre psicanálise e neurociência, por considerá-la reducionista e mecanicista, na medida em que propõe, no entendimento da autora, uma transposição linear do sistema teórico da neurociência para a psicanálise, na qual “... a determinação causal do domínio físico é estendida aos processos mentais” (p. 19). Entretanto, a autora utiliza em sua pesquisa alguns fundamentos neurocientíficos retirados de um livro escrito por Kandel, em parceria com outros colegas. Atitude mais presente entre aqueles mais favoráveis à articulação entre essas áreas, mas demonstra que mesmo aqueles divergentes da proposta de uma “interação sinérgica” (Kandel, 2001, p. 291), podem somar aos seus estudos os resultados de pesquisas desenvolvidas por ele.

Bocchi (2010) realiza uma investigação acerca da possibilidade de articulação entre a psicanálise e a neurociência, propondo seu questionamento, partindo do enquadre conceitual e metodológico da neurociência e do exame da obra freudiana, principalmente da concepção de ego, no sentido de se evitar opiniões favoráveis ou contrárias a essa articulação, sem as devidas reflexões. Demonstra, assim, ponderação e evidencia como este debate tem causado tanto ceticismo quanto entusiasmo, porém, muitas vezes, sem o devido debate e compreensão. Quanto à obra de Kandel, apresenta o enquadre de uma ciência da mente que ele propõe, mostrando que se trata de sugerir que a psicanálise tenha maior abertura para a investigação científica da mente, sem contestar seus fundamentos clínicos.

Tendo em vista estes exemplos, percebe-se que está presente em alguns desses enfoques críticos o julgamento de que a articulação da psicanálise com a neurociência traz em si o risco de reducionismo do mental ao biológico de uma forma mecanicista. Algumas vezes, partindo-se do pressuposto de que lidam com objetos diferentes e, portanto, considerando-se que a interface entre elas se mostra se não impossível, ao menos, como algo que tem ressalvas de caráter epistemológico e metodológico e que requer cautela.

## **2 Favoráveis à interlocução entre psicanálise e neurociência**

Arantes-Gonçalves (2007), ao abordar a história da neuropsicanálise, refere-se às obras de Kandel publicadas em 1998 e 1999 no *American Journal of Psychiatry* intituladas *Biology and the Future of Psychoanalysis* e *A New Intellectual Framework for Psychiatry*, respectivamente, como tendo influenciado aqueles que já consideravam a articulação entre psicanálise e neurociência e impulsionado o surgimento da revista *Neuropsychoanalysis*, em 1999, e a fundação da Sociedade Internacional de Neuropsicanálise, em 2000. Ao longo do artigo discorre sobre os temas confabulações, anosognosia e sonhos sob esta perspectiva.

Canestri (2011) mostra-se favorável a que os psicanalistas estudem temas relevantes de neurociência, exemplificando com os estudos de Kandel acerca da memória, como uma contribuição à psicanálise, uma vez que as lembranças são de grande interesse para os psicanalistas.

Doin (2002) expõe sua concordância com a proposta de Kandel de se buscar interfaces entre a psicanálise e a neurociência, de modo a contribuir para o estatuto epistemológico da primeira. Fornece vários exemplos acerca dos quais a neurociência pode fornecer dados para a teoria e prática psicanalíticas (como as memórias implícita e explícita, a neuroplasticidade, etc.), bem como questões que a psicanálise pode direcionar a neurociência, com possibilidade de ambas realizarem profícua interlocução.

Scorza (2009) concedeu uma entrevista à *Revista Brasileira de Psicanálise*, que teve como tema a interface entre neurociência e psicanálise, sendo abordadas questões referentes à neuroplasticidade, à memória (em que dá destaque aos estudos de Kandel), efeitos do estresse sobre a neurogênese e de substâncias psicoativas, de forma que o entrevistado mostrou-se favorável às trocas entre esses campos de conhecimento.

Na sequência, foram apresentados comentários a essa entrevista. Guimarães (2009) faz uma diferenciação entre três tendências diante desse diálogo: 1) dos que propõem discutir aspectos epistemológicos; 2) dos que propõem a integração, como na neuropsicanálise e 3) dos que têm interesse nas descobertas da neurobiologia e as consideram contribuições ao campo da psicanálise, na qual se posiciona. Acredita que possa existir um diálogo profícuo entre ambas, a partir de questionamentos mútuos. Por sua vez, Montagna e Soussumi (2009) relembram Freud que advertiu que as ciências do cérebro alcançariam o desenvolvimento necessário para corroborar a visão unificada mente-cérebro, não com caráter substitutivo de uma área pela outra, mas sim numa perspectiva de complementaridade.

Goulart fala sobre a intersubjetividade entre analista e analisando, no sentido da presença da pessoa real do analista, embora se busque a neutralidade técnica. A partir disso, diz que é possível a construção de novos significados pela dupla analítica. Apenas cita a seguinte frase de Kandel: “a psicanálise ainda é a visão da mente mais intelectualmente satisfatória e coerente” (1999, citado por Goulart, 2009), sem aprofundar o tema. Os mesmos fazem Zaslavski e Santos (2005) que citam Kandel apenas ao mencionar a aproximação desta com a neurociência e tratam do tema da contratransferência, como um ponto de convergência entre diferentes abordagens teóricas da psicanálise.

### **3 Possibilidades de interlocução: utilização de fundamentos neurocientíficos em estudos teóricos e sobre a prática psicanalítica**

Cunha e Azevedo (2001), num estudo de caso, ao discutirem os efeitos da psicoterapia dinâmica breve, mencionam que, segundo Kandel, ocorrem mudanças neurobiológicas a partir do trabalho psicoterapêutico, o que viabiliza, além da manutenção dos ganhos obtidos com o tratamento, que ainda ocorram melhorias contínuas após o seu término.

Andrade (2004) escreve sobre o tratamento psicanalítico das neuroses narcísicas considerando que isto ocorre por meio da transferência. Para tanto, considera princípios neurocientíficos encontrados na obra de Eric Kandel, os quais fornecem subsídios a essa prática, evidenciando que novas experiências afetivas podem promover a neurogênese, contribuindo para a mudança psíquica que é o objetivo do tratamento.

Cândido e Piqueira (2002), num trabalho sobre auto-organização psíquica, abordam as noções de inconsciente e pulsão segundo a perspectiva da complexidade e, ainda, recorrem a conceitos neurocientíficos nessa investigação. Referem-se à descrição que faz Kandel dos circuitos neuronais como mutáveis, tanto estrutural e quanto funcionalmente. Posteriormente, Cândido e Winograd (2009), num artigo que se encontra no campo da filosofia da mente que, segundo as autoras é um lugar em que os conceitos de pulsão (freudiano) e de experiência (neurocientífico) podem se articular para a compreensão do psiquismo humano, citam o fundamento neurocientífico das modificações neuronais a partir de novas experiências, em que os progressos obtidos são integrados às estruturas precedentes.

Doin (2005) tem como tema o trauma e suas vinculações com a compulsão à repetição, o narcisismo, as perversões e a transferência, aos quais são somadas contribuições da neurociência. Neste artigo, cita Kandel apenas como um dentre outros autores que

trabalham de forma interdisciplinar e abordam o diálogo da psicanálise com as neurociências, que ele já havia citado em outras publicações.

O mesmo autor em artigo posterior (Doin, 2009) retorna ao tema de 2005, o trauma, mas desta vez dando destaque ao papel da culpa, como algo que pode representar empecilho à análise, chamando a atenção para a necessidade da análise pessoal a fim de se evitar prejuízos decorrentes da contratransferência. Mais uma vez, o autor soma às suas considerações elementos neurocientíficos. Nesse caso, cita o que diz Kandel sobre a questão do determinismo psíquico em contraposição ao livre-arbítrio, isto é, que uma ação voluntária tem seu início no inconsciente, mas, antes de ser realizada, a função consciência determina se ocorrerá ou não.

Landeira-Fernandez e Cheniaux (2008) apresentam um caso e, na discussão do mesmo, consideram os sistemas implícitos de memória, argumentando que a relação terapêutica pode promover mudanças estruturais nesses sistemas. Utilizam conceitos neurocientíficos e citam Kandel a respeito de sua posição contra um reducionismo da psicanálise, que este autor considera indesejável e impraticável já que possuem bases epistemológicas distintas, mas acredita que possam estabelecer uma relação em que alguns conhecimentos podem ser integrados.

Lima e Soussumi (2010) utilizam produções neurocientíficas, como aquelas acerca da memória e da importância das experiências afetivas precoces (campo em que são relevantes as contribuições dos estudos de Kandel), para discutir trauma e teoria do apego, contemplando as noções de constituição do *self* pela via relacional, em seus aspectos afetivos e simbólicos. Tal como proposto por Kandel, os autores são favoráveis à aproximação entre as neurociências e a psicanálise, considerando fato inevitável e irreversível.

Lima (2009) faz uma revisão bibliográfica a fim de correlacionar a segunda tópica freudiana (id, ego e superego) com áreas encefálicas específicas, partindo do pressuposto da possível articulação da psicanálise com a neurociência. Cita Kandel sobre o diálogo entre ambas e sua ideia de que, dessa forma, a psicanálise obterá uma consolidação científica de seu corpo teórico-prático.

Rego (2005), tendo como eixo de seu trabalho o conceito de pulsão de morte, articula em sua tese a psicanálise freudiana, as ideias de Reich e formulações da biologia. Um dos temas abordados são considerações sobre a pulsão de morte baseadas nas neurociências. Cita Kandel, referindo-se ao declínio da psicanálise na atualidade por não ter evoluído

cientificamente, mas apontando sua articulação com a neurociência como possibilidade de revigoramento, bem como partindo do princípio de que mesmo os processos psíquicos mais complexos originam-se nos circuitos neuronais. Também menciona seus estudos sobre memória declarativa e memória implícita, aproximando-as de concepções de Reich. Utiliza concepções de Kandel também sobre o desenvolvimento infantil a partir de suas relações interpessoais e sobre as construções de mapas mentais representacionais das experiências do indivíduo.

Ribeiro (2003) considera os escritos de Freud e Jung sobre os sonhos, no sentido de existirem possibilidades de confirmação de suas ideias mediante o que já foi descoberto pela neurociência e deixa em aberto possíveis corroborações futuras, na medida em que novas pesquisas forem desenvolvidas. Fala sobre as evidências acerca dos resquícios diurnos e o papel fundamental dos sonhos para a consolidação da memória e, portanto, para a aprendizagem. Utiliza, assim, princípios neurocientíficos de Kandel.

Salim (2004), ao expor o conceito de ‘desconexão psíquica’, diz que esta fica registrada na memória procedural ou implícita que, segundo Kandel, nunca se torna consciente (p. 107). Conclui mencionando novamente Kandel, desta vez utilizando suas ideias para falar a favor do questionamento de dogmas psicanalíticos, a fim de obter uma revitalização da psicanálise, “... adequando-a mais à prática clínica e aos conceitos da ciência” (p. 111). Em 2007, Salim relaciona o sintoma psicossomático à predisposição de personalidade autista, consequência de trauma precoce. Considera a formação de um “ego biológico sem sujeito cognitivamente interpretante” (p. 233), a partir do registro de sensações pela memória implícita. Em seu artigo expressa pesar pelo fato da psicanálise ter se desvinculado da biologia, restringindo-se a questões intersubjetivas, como escreveu Kandel.

Silva (2007) recorre às perspectivas de Ramachandran, Sacks e Damásio para investigar a construção do eu, da identidade, da imagem do corpo. Contudo, também faz referências às obras de Freud e Kandel. Com relação a este último, menciona a crença dele acerca das contribuições que as neurociências podem dar à psicanálise e a crítica pelas resistências de alguns psicanalistas em aceitá-las. Em outro artigo Silva (2010) ressalta que Kandel, ao expor as oito áreas em que a neurociência e a psicanálise poderiam cooperar, não privilegia nenhuma destas abordagens, considerando-as imbricadas. Refere, ainda, que Kandel diz que o cérebro não percebe e registra a realidade fielmente, mas a decompõe em sensações e imagens e, depois, reconstruí-las.



Simanke e Caropreso (2011) realizam um estudo da obra de Freud, acerca de supostos dois momentos de suas elaborações teóricas: um de caráter mais neurológico e outro representado pela metapsicologia. Os autores põem em questão se realmente isto representa uma ruptura ou se existe algum grau de continuidade. Afirmam que, quando Freud reitera sua metapsicologia ao longo de seus escritos, está apenas se posicionando contra a perspectiva localizacionista das funções mentais e não contra possíveis explicações neurobiológicas dos fenômenos que investigava. Mencionam Kandel, dentre outros autores, no que se refere à possibilidade de inclusão da psicanálise no rol das ciências contemporâneas da mente, bem como o renovado interesse de cientistas pelo pensamento de Freud.

Sollero-de-Campos (2009) tem como tema principal nesse trabalho a memória, em seus aspectos de interesse para a psicanálise, visto que a questão do processo de elaboração das lembranças é fundamental em Freud. Cita o livro de Squire e Kandel (2003) ao definir memória declarativa, qual seja, a lembrança consciente que pode ser traduzida em linguagem ou imagem mental.

Sonenreich, Estevão e Silva Filho (1999) em notas sobre psicopatologia contemplaram o papel da psicanálise como uma entre outras teorias que se debruçaram sobre seu estudo. Quanto a Kandel, citam-no como um psiquiatra disposto ao diálogo com a psicanálise, que teceu críticas pertinentes a respeito do declínio das suas produções na segunda metade de sua existência, a qual já ultrapassou um século, e ao fato de não ter acompanhado a evolução científica.

Araújo (2006) versa sobre o autismo, tendo como referencial teórico a leitura que Lacan efetuou da obra de Freud. Menciona Kandel de forma breve, afirmando que com suas pesquisas neurobiológicas estaria confirmando hipóteses freudianas.

Já Carvalho (2011) utiliza a psicanálise como um dos referenciais teóricos de sua pesquisa sobre a capoeira e utiliza as noções de memória implícita ou inconsciente procedural de Eric Kandel, as quais são de seu interesse para pensar o jogo da capoeira, porque se refere àquilo que se evidencia somente em ato sem mediação da linguagem.

Carvalho e Kubrusly (2008) analisam o Seminário de Lacan “A Carta Roubada”, buscando clarificar trechos obscuros. Em suas considerações sobre a auto-organização, sendo este um conceito da Teoria da Complexidade, apresentam como um correlato natural a neuroplasticidade (citando Kandel), que ocorre segundo o princípio de economia.

Silva, Fuhrmeister, Brum, Costa, Rosito, Pizutti et al. (2003) referem que o tema consciência não consta ainda em várias publicações da neurociência e cita um livro de Kandel, Schwarz e Jessel (2000) sobre fundamentos de neurociência que traz o assunto num apêndice sobre os futuros avanços no séc. XXI.

Setúbal (2009) traz um relato de caso para apresentar a atuação da psicologia na área de neonatologia, em que a autora refere que as pesquisas de Kandel sobre a memória corroboram referencial do trabalho apresentado. Aponta, para tanto, a concepção de que memórias emocionais implícitas são formadas desde épocas muito precoces do desenvolvimento, sendo anteriores ao surgimento da fala.

Lyra (2005) apresenta um histórico do desenvolvimento da neuropsicanálise, sem deixar de mencionar o papel de Kandel, e fornece exemplos de pesquisas de bases científicas empíricas sobre conceitos metapsicológicos e sugere a necessidade de uma psicoterapia de orientação neuropsicanalítica, que não traria modificações na técnica, mas na maneira de pensar sobre as questões que se evidenciam na análise. Em sua opinião, um desafio para os psicanalistas da atualidade é pensar a psicanálise de acordo com o paradigma científico vigente. Em 2007, Lyra se propõe a uma revisão dos conceitos de consciência e inconsciente, nas visões da psicanálise e das neurociências, utilizando também obras de Searle, de Damásio e de Edelman. Em suas exposições, faz uso da teoria de Kandel acerca das memórias implícitas, que abrangeriam tanto as procedurais quanto as emocionais.

Jung, Nunes e Eizirik (2007) apresentam nesse artigo “uma investigação de coorte retrospectiva que avaliou a efetividade da psicoterapia psicanalítica com pacientes adultos em um serviço de atendimento comunitário na cidade de Porto Alegre, Brasil” (p. 184). Kandel é citado apenas no que se refere ao seu posicionamento quanto à necessidade de submeter a psicoterapia à verificação sistemática de sua eficácia.

Schaf (2011) apresenta um estudo naturalístico longitudinal com 73 pacientes para investigar os efeitos da psicoterapia e, para isso, correlaciona fatores psicodinâmicos e neurobiológicos, baseando-se no papel do fator neurotrófico derivado do cérebro (BDNF) na memória e na plasticidade neuronal. Tenta por este meio elucidar de que forma a psicoterapia é eficaz. A partir dos resultados obtidos em função das relações objetivas dos pacientes, conclui que podem corroborar a hipótese de que a psicoterapia tem efeito sobre a neuroplasticidade, estando de acordo com publicações de Kandel a esse respeito.

### **Discussão**

A partir deste breve levantamento bibliográfico de obras publicadas, a partir de 2001, que citam algumas ideias de E. Kandel foi possível distinguir alguns autores que se posicionam de modo contrário a articulações entre a psicanálise e as neurociências, alegando que partem de pressupostos epistemológicos diferentes, lidando com concepções de homem e objetos de estudo distintos, a ponto de um diálogo ser impraticável. Por outro lado, certos pesquisadores se mostram favoráveis à interlocução entre elas de modo total ou parcial. Neste último caso, fazendo algumas ressalvas, principalmente quanto a sua proposta de submeter os métodos e os resultados psicanalíticos à verificação científica empírica. Entretanto, existem pesquisas nessa direção, embora em menor número.

A leitura das obras de Kandel permite argumentar que evidentemente ele parte de princípios epistemológicos e metodológicos que são obviamente diferentes dos postulados pela psicanálise e, embora tenha sugerido que a psicanálise busque bases empíricas para validar cientificamente sua teoria e prática, declarou que qualquer postura reducionista seria indesejável. Em suas palavras: *“It would be unfortunate, even tragic, if the rich insights that come from psychoanalysis were to be lost in the rapprochement between psychiatry and the biological sciences”* (Kandel, 1998, p. 467). Note-se que, ao longo de seu texto, por vezes utiliza os termos *psychiatry* ou *psychoanalysis* de formas muitas vezes equivalentes, tratando do mesmo assunto.

Por fim, temos aqueles que recorrem a hipóteses e evidências neurocientíficas em seus estudos, demonstrando a possibilidade de articulação de ideias e de complementaridade entre esses campos de conhecimento, com o intuito de se promover uma maior compreensão da mente humana. Por exemplo, quanto ao tema da memória, principal objeto de estudo de Kandel ao longo de sua carreira e, também, uma função psíquica muito relevante para a psicanálise, é possível encontrarmos convergências de ideias. Ora, as perspectivas pelas quais psicanálise e neurociência abordam a memória são divergentes, mas as ideias de certo modo confluem no que diz respeito a evidências de que os registros mnemônicos não são fidedignos às experiências e aos fatos reais e de que ocorrem mudanças nesses registros mediante novas experiências, possuindo caráter sempre inacabado e, portanto, mutável (Squire & Kandel, 2003; Kandel, 2009).

### **Conclusão**

O convite ao diálogo e ao revigoramento científico que Kandel fez à psicanálise gerou polêmica e manifestações de diversos pesquisadores. Grande número de publicações abordou esse tema diretamente, posicionando-se contra, a favor ou propondo maiores reflexões críticas. Outros recorreram a enunciados neurocientíficos de Kandel como subsídios para seus estudos teóricos e/ou práticos.

Quanto ao método de investigação tal qual Kandel propôs à psicanálise como meio de para sua validação e inserção no contexto científico atual, persistem ainda muitas divergências e, portanto, a necessidade de que ocorram maiores debates entre representantes das duas áreas.

Finalmente, o que parece inegável é que a psicanálise não permanecerá alheia aos avanços das neurociências e terá que repensar sua postura diante de novas descobertas sobre a mente/cérebro e as implicações destas em corpo teórico e sua prática clínica.

### **Referências**

Andrade, V. M. (2004). A psicanálise em transformação a ação terapêutica da psicanálise na perspectiva da interface com a neurociência. *Psicanalítica*, 5(1), 49-65.

Arantes-Gonçalves, F. (2007). Neuropsicanálise: a ciência da relação mente-cérebro, *Interacções*, 12, 93-110.

Araújo, M. E. C. (2006). *Autismo e constituição do sujeito*. Dissertação (Mestrado em Psicanálise). Universidade Estadual do Rio de Janeiro – Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro.

Arreguy, M. E. (2010). A leitura das emoções e o comportamento violento mapeado no cérebro. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 20(4), 1267-1292.

Bassols, M. (2009). A legenda dos genes e os leitores do cérebro. *Psicologia em Revista*, 15(1), 17-27.

Bocchi, J. C. (2010). A psicanálise freudiana o e atual contexto científico da biologia da mente: uma discussão a partir das concepções sobre o ego. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

Cândido, C. L. (2010). A importância da sensorialidade no estudo da mente. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 9, 18-48.

Cândido, C. L. & Piqueira, J. R. C. (2002). Auto-organização psíquica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(3), 677-684.

Cândido, C. & Winograd, M. (2009). Experiência e complexidade cerebral: entre a psicanálise e as ciências cognitivas. *Ciências & Cognição*, 14(3), 02-15.

Canestri, J. (2011). Entrevista da Associação dos Membros Filiados: sobre a formação do psicanalista. *Jornal de Psicanálise*, 44(80), 45-58.

Cardoni, M. G. R. (2003). Biopsicanálise. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25(2), 358-360.

Carvalho, A. C. N., Jr. (2011). Psicanálise e capoeira: três ensaios acerca do pulsional, da significação e da tradição. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Brasília – Instituto de Psicologia, Brasília.

Carvalho, L. A. V. & Kubrusly, R. S. (2008). Estrutura, memória e a emergência da lei no Seminário sobre “A carta roubada”. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 6(2), 75-107.

Cauduro, C. R. S. (2008). *Holding: o contexto da neurogênese. Uma aproximação de Winnicott à neurociência do desenvolvimento*. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo – Instituto de Psicologia, São Paulo.

Cunha, P. J. & Azevedo, M. A. S. B. (2001). Um caso de transtorno de personalidade *borderline* atendido em psicoterapia dinâmica breve. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(1), 05-11.

Davidovich, M. M. & Winograd, M. (2010). Psicanálise e neurociências: um mapa dos debates. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 801-809.

Doin, C. (2002). Entrevistas (Depoimento à Elie Cheniaux). *Psicanalítica*, 3(1), 115-126.

Doin, C. (2005). “O ego busca seu trauma”: paradoxos da traumatofilia. Trabalho apresentado no 44 Congresso Internacional de Psicanálise da IPA, Rio de Janeiro, Brasil. Recuperado em 26 de maio de 2012, de [http://www.febrapsi.org.br/publicacoes/artigos/doin\\_ipa.doc](http://www.febrapsi.org.br/publicacoes/artigos/doin_ipa.doc).

Doin, C. (2009). Culpas do ganhador, ganhos do perdedor e os impasses psicanalíticos. Trabalho apresentado no XXII Congresso Brasileiro de Psicanálise, Rio de Janeiro, Brasil. Recuperado em 01 de junho de 2012, de [http://www.febrapsi.org.br/publicacoes/artigos/xxii\\_cbp\\_rp\\_carlosdoin.doc](http://www.febrapsi.org.br/publicacoes/artigos/xxii_cbp_rp_carlosdoin.doc).

Ehrenberg, A. (2009). O sujeito cerebral. (M. T. Oliveira & M. Winograd, Trans.). *Psicologia Clínica*, 21(1), 187-213.

Faveret, B. M. S. (2006). Neurociências e psicanálise: há possibilidade de articulação? *Psicologia Clínica*, 18(1), 15-26.

Guimarães, L. T. (2009). Comentário à entrevista de Fúlvio Scorza. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(3), 27-31.

Goulart, A. A. (2009). Intersubjetividade e especificidade em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(3), 59-70.

Jung, S. I., Nunes, M. L. T. & Eizirik, C. L. (2007). Avaliação de resultados da psicoterapia psicanalítica. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 29(2), 184-196.

Kandel, E. R. (1998). A New Intellectual Framework for Psychiatry. *American Journal of Psychiatry*, 155(4), 457-469.

Kandel, E. R. (1999). Biology and the Future of Psychoanalysis: A New Intellectual Framework for Psychiatry Revisited. *American Journal of Psychiatry*, 156(4), 505-523.

Kandel, E. R. (2001). Psychotherapy and the single synapse: the impact of psychiatry thought on neurobiological research. *Journal of Neuropsychiatry Clinic Neuroscience*, 13(2), 290-300.

Kandel, E. R. (2009). *Em busca da memória: o nascimento de uma nova ciência da mente*. São Paulo: Companhia das Letras.

Landeira-Fernandez, J. & Cheniaux, E. (2008) Discussão de um tratamento psicanalítico sob a ótica das neurociências: a importância de sistemas implícitos e funções executivas no processo terapêutico. *Revista Universidade Rural, Série Ciências Humanas*, 30(1), 19-31.

Lima, A. P. (2009). O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 37(6), 270-277.

Lima, A. R. & Soussumi, Y. (2010). Trauma, memórias e teoria do apego – convergências neuropsicanalíticas. Trabalho apresentado em *Reunião Clínica da Associação dos Membros Filiados*, São Paulo.

Lyra, C. E. S. (2005). Neuropsicanálise: um novo paradigma para a psicanálise no século XXI. Carta aos editores. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 27(3), 328-330.

Lyra, C. E. S. (2007). O inconsciente e a consciência: da psicanálise à neurociência. *Psicologia USP*, 18(3), 55-73.

Montagna, P. & Soussumi, Y. (2009). Em que nos a neurociência? Comentário à entrevista de Fúlvio Scorza. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(3), 33-36.

Rego, R. A. (2005). *Psicanálise e biologia: uma discussão da pulsão de morte em Freud e Reich*. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo – Instituto de Psicologia, São Paulo.

Ribeiro, S. (2003). Sonho, memória e o reencontro de Freud com o cérebro. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 25(Supl. 2), 59-63.

Salim, S. A. (2004). O trauma e a desconexão. *Psicanalítica*, 5(1), 99-112.

Salim, S. A. (2007). A etiologia do sintoma psicossomático: sua relação com a reincidência traumática e o retraimento autista. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 29(2), 233-238.

Schaf, D. V. (2011). *Estudo de fatores psicodinâmicos e neurobiológicos em psicoterapia psicodinâmica*. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas – Psiquiatria). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Porto Alegre.

Scorza, F. A. (2009). Entrevista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(3), 15-25.

Setúbal, M. S. V. (2009). Relato da história da inserção e evolução do atendimento psicológico a bebês e suas famílias em uma Unidade de Neonatologia. *Revista Paulista de Pediatria*, 27(3), 340-4.

Silva, S. G. (2007). *Imagens do corpo e imagens do eu: Ramachandran, Sacks e Damásio*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade Estadual do Rio de Janeiro – Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro.

Silva, S. G. (2010). Para uma neurobiologia do eu: uma contribuição às teorias da subjetividade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 13(1), 71-86.

Silva, M. M., Fuhrmeister, A. V. A., Brum, A. F. M., Costa, F., Rosito, G., Pizutti, L. T. et al. (2003) A consciência: algumas concepções atuais sobre sua natureza, função e base neuroanatômica. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25(Supl. 1), 52-64.

Simanke, R. T. & Caropreso, F. (2011). A metáfora psicológica de Sigmund Freud: neurologia, psicologia e metapsicologia na fundamentação da psicanálise. *Scientiae Studia*, 9(1), 51-78.

Sollero-de-Campos, F. (2009). Algumas observações sobre o não verbal: neurociência da memória e clínica psicanalítica. *Ciências & Cognição*, 14(3), 193-203.

Sonenreich, C., Estevão, G. & Silva Filho, L. M. A. (1999). Notas sobre psicopatologia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 2(3), 124-145.

Squire, L. & Kandel, E. (2003). *Memória: da mente às moléculas*. Porto Alegre: Artmed.

Zaslavski, J. & Santos, M. J. P. (2005). Contratransferência em psicoterapia e psiquiatria hoje. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 27(3), 293-301.

Eixo temático 07: Novas perspectivas de pesquisa e atuação em psicologia.